

MIGRANTES NORDESTINOS NO MOVIMENTO OPERÁRIO AMAZONENSE: AS TRAJETÓRIAS DE JOSÉ DE CALAZANS BEZERRA, NICOLAU PIMENTEL, OTELO MAVIGNIER E HEMETÉRIO CABRINHA (1900-1930)

NORTHEASTERN MIGRANTS IN THE AMAZONIAN LABOR MOVEMENT: THE TRAJECTORIES OF JOSÉ DE CALAZANS BEZERRA, NICOLAU PIMENTEL, OTELO MAVIGNIER AND HEMETÉRIO CABRINHA (1900-1930)

Marcos Lucas Abreu Braga¹

Resumo: Com base na imprensa, tanto operária quanto diária, o presente artigo tem como objetivo evidenciar a participação de migrantes oriundos dos estados que atualmente compõem a região Nordeste do Brasil na classe e especialmente no movimento operário do estado do Amazonas, a partir das trajetórias de quatro lideranças operárias que atuaram na capital amazonense nas décadas iniciais do século XX: a do electricista pernambucano José de Calazans Bezerra; a do tipógrafo baiano José Nicolau Pimentel; a do carpinteiro cearense Hemetério Cabrinha; e a do jornalista cearense Otelo Mavignier. Sublinha-se a importância destes sujeitos na década de 1920 e atuação deles na formação de conexões interestaduais no movimento.

Palavras-chave: Migrantes nordestinos; movimento operário; Manaus

Abstract: Based on the press, both workers and daily, this article aims to point the participation of migrants from the states that currently comprise the Northeast region of Brazil in the workers' movement in Amazonas, based on the trajectories of four workers leaders who worked in the capital Amazonian: that of Pernambuco electrician José de Calazans Bezerra; that of Bahian typographer José Nicolau Pimentel; that of the Ceará carpenter Hemetério Cabrinha; and that of Ceará journalist Otelo Mavignier. The importance of these subjects in the 1920s and their performance in the formation of interstate connections in the movement is underlined.

Keywords: Northeastern migrants; labor movement; Manaus

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História (2018) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM); mestrando em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFAM. Professor na Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC-AM).

“Tome benção dos nordestinos que são seus pais e avós.”

RAPADURA

Introdução: migração nordestina e Mundos do Trabalho na Amazônia

Entre as principais transformações pelas quais a sociedade amazônica passou entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX – todas fortemente influenciadas pela exportação da borracha para as indústrias europeias e estadunidenses² – uma das mais significativas foi o rápido crescimento demográfico verificado na região, principalmente em sua parte ocidental. Os dados dos censos oficiais, embora não de todo confiáveis, dão ideia do crescimento demográfico: em 1872, a população da cidade de Manaus foi estimada em 29.334 habitantes; 18 anos depois, cresceu modestamente, alcançando os 38.720, para quase dobrar em 1920, quando se estimou que ela possuía cerca de 75.704 moradores. A população do Amazonas saltou de 57.610 habitantes em 1872 para 358.695 em 1910, já a do Pará crescera de 275.237 para 783.845 no mesmo espaço de tempo.³

Tal aumento populacional foi tanto vegetativo quanto, e talvez principalmente, fomentado pela imigração. Neste último caso, tanto de estrangeiros quanto de brasileiros de outros estados, sobretudo das unidades federativas que atualmente correspondem à região Nordeste do país⁴. O memorialista Samuel Benchimol compilou alguns dados sobre a migração nordestina para a Amazônia, expondo que:

As secas de 1877 e 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registraram uma imigração de 13.593. No triênio de 1898/1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes, no auge desse movimento povoador. Contados os números até 1900, teríamos o afluxo de 158.125 nordestinos que vieram *fazer a Amazônia*, cerca de 20% da população amazônica da época. De 1900, passando pelo apogeu de 1910, até à

² Transformações que incluem o processo urbanização das capitais Belém e Manaus, o aumento das rendas dos estados, dinamização do comércio, implantação de serviços urbanos (transporte por bondes, luz elétrica, água encanada, coleta de lixo), dentre outras, todas sobejamente estudadas pela historiografia especializada. DAOU, Ana Maria. **A belle époque** amazônica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: TA Queiroz, 1980. SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002. WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

³ DAOU, 2000, p. 73.

⁴ Conforme Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a noção de “Nordeste” tal como conhecemos atualmente começou a ser construída somente a partir da década de 1920. Antes disso, as atuais regiões Norte e Nordeste do Brasil eram qualificadas genericamente como “Norte”, ao passo que o restante era denominado como “Sul”. No presente texto, a palavra “Nordeste” será usada na acepção atual da região geográfica. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

depressão, estimamos que a Amazônia recebeu mais 150.000 *cearenses* [sic], totalizando assim 300.000 imigrantes nordestinos, no período de 1877 a 1920.⁵ (grifos do autor)

A exatidão dos números apresentados pode ser contestada, mas a intensidade do fluxo migratório está fora de dúvidas.

A grande maioria desses migrantes se dirigiu aos seringais rios acima, em busca do “ouro negro”, de forma que a figura do migrante nordestino na Amazônia da *Belle Époque* é prontamente associada aos seringueiros. A presença destes sujeitos na extração do látex também foi tema da maioria das pesquisas que tomam esse fluxo migratório como temática. No entanto, uma parcela não desprezível deles acabou se estabelecendo nas cidades, principalmente nas capitais, Manaus e Belém, seja por se recusar a se dirigir aos seringais para quais foram arregimentados, seja fugindo deles após perceberem as condições de vida e trabalho atenuantes que lá eram praticadas, ou ainda se dirigindo diretamente às capitais, sem passar pelos seringais, em busca de melhores remunerações ou ocupando cargos em trabalhos especializados, já que as duas cidades careciam de mão de obra qualificada. Franciane Gama Lacerda, em tese de doutorado sobre a imigração de cearenses para estado do Pará entre 1899 a 1916, identificou três destinos desses migrantes nas terras amazônicas: os seringais, as áreas agrícolas do oeste do Pará e os centros urbanos – sobretudo Belém.⁶

Este contingente de migrantes citadinos teve influência considerável sobre sociedade amazônica, nos mais diversos âmbitos, desde o econômico e social, passando pelo político até o cultural. Eles provinham dos – e podiam compor na Amazônia os – diversos segmentos sociais, inclusive vindo a ocupar posições nas elites amazonense e paraense, como grandes comerciantes ou mesmo seringalistas, assim como nos segmentos médios urbanos, como profissionais liberais, bacharéis ou na burocracia estatal. Bem como entre os escritores, poetas e intelectuais.⁷ Alguns ainda ocuparam cargos políticos eletivos, fosse nos Governos e nas Assembleias dos estados fosse nas Intendências e Câmaras municipais de Manaus e Belém ou de outras cidades menores, como Antônio José de Lemos, conhecido e cultuado intendente de Belém entre os anos de 1897 e 1911 e o igualmente conhecido Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas entre 1890 e 1891 e de 1892 a

⁵ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Manaus: Editora Valer, 1999, p. 136.

⁶ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: facas da sobrevivência (1889/1916)**. Belém: Ed. Açai/UFPA, 2010, p. 135-137.

⁷ Alguns exemplos de intelectuais oriundos de estados do nordeste que atuaram na Amazônia foram os poetas Nunes Pereira, Maranhão Sobrinho e Raimundo Nonato Pinheiro, nascidos no Maranhão; e o piauiense Thaumaturgo Vaz. Cf: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Periodismo e Vida Literária em Manaus. **Encontro Regional Norte de História da Mídia**, v. 5, p. 1, 2018.

1896. Ambos nasceram em São Luís, Maranhão – Lemos em 17 de dezembro de 1843 e Ribeiro em 18 de setembro de 1862 – e migraram para a região amazônica ainda jovens.

No entanto, a maioria dos migrantes nordestinos estabelecida nos principais centros urbanos da Amazônia acabou por compor as classes trabalhadoras e populares dessas cidades. Lacerda destaca a presença e as agruras dos migrantes cearenses pobres em Belém.⁸ No que tange à presença destes sujeitos em Manaus, Caio Giulliano Paião, consultando os livros de termos de contratos dos marinheiros da Alfândega de Manaus referentes aos anos de 1909 a 1916, encontrou entre os marítimos desta instituição com origem identificada 11 paraibanos, 10 sergipanos, 9 alagoanos, 9 pernambucanos, 7 cearenses, 5 potiguares, 3 maranhenses, um piauiense e um baiano.⁹ Já Luís Balkar Pinheiro, consultando o livro de registros da *Associação União Operária Amazonense* do ano de 1926, enumerou entre os associados desta organização pelo menos 116 oriundos do Ceará, 66 da Paraíba, 66 do Maranhão, 50 do Rio Grande do Norte, 38 de Pernambuco, 15 do Piauí, 13 da Bahia, 12 de Sergipe e 11 de Alagoas; com o total de 387, somavam quase 40% dos 1.010 associados da *União* àquela data.¹⁰

Percebe-se que a formação da classe trabalhadoras no Amazonas desse período se assemelha à de outras regiões do país, que também receberam levas da *Grande Imigração* que ocorreu no início do século XX. Os imigrantes, das mais variadas procedências, além de comporem a força de trabalho dos centros urbanos brasileiros em crescimento, também ajudaram a articular manifestações classistas, como o empreendimento de greves, fundação de sindicatos e jornais operários. Esta atuação foi tão intensa que um historiador do trabalho já assinalou a associação automática que se fazia – antes do desenvolvimento historiográfico tão pujante no campo da História Social do Trabalho nos últimos anos – entre trabalhadores militantes e imigrantes estrangeiros, sobretudo italianos, na Primeira República.¹¹ Outra importante historiadora do trabalho, estudando a difusão do sindicalismo revolucionário na capital paulista dos inícios do século XX, afirmou que sua pesquisa “também é sobre imigração, visto que a grande maioria dos trabalhadores em São Paulo naquele período era composta por imigrantes”.¹²

⁸ LACERDA, 2010, p. 288-302.

⁹ PAIÃO, Caio Giulliano de Souza. Quando novos marinheiros entram em cena: a (re) composição da marinhagem de Manaus nos primeiros anos do século XX. **Anais do Encontro da ANPUH de 2018**.

¹⁰ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. Imigração, trabalho e imprensa em Manaus, 1890-1928. *Revista Litteris*, n. 14, p. 15, set./2014, p. 3.

¹¹ DE MORAES BATALHA, Henrique. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 7.

¹² TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 11.

No que tange ao Amazonas, a presença de imigrantes estrangeiros foi bem mais modesta, se comparada com outros estados, sendo predominantes os migrantes de outras regiões do Brasil, sobretudo dos outros estados da então região Norte do país. No que pese o reduzido número, os imigrantes estrangeiros contribuíram para a formação da classe trabalhadora em Manaus, inclusive com alguns se destacando como lideranças em seus movimentos sindicais, associativistas, políticos e grevistas, como o estivador italiano Targino Mariani, o tipógrafo e jornalista socialista espanhol Joaquim Azpilicueta e o tipógrafo anarquista de origem portuguesa Tércio Miranda.¹³

O presente artigo tem como objetivo discutir a influência dos migrantes oriundos do Nordeste em um segmento específico da sociedade amazonense, que seja na classe operária, ou mais precisamente em suas manifestações organizadas e coletivas – seu movimento – nas três primeiras décadas do século XX. Para tanto, menos do que uma abordagem quantitativa, optou-se pela análise de trajetórias individuais de alguns militantes, acompanhando Luciano Teles quando este afirma que:

Os estudos de trajetórias são significativos não somente por recuperar lideranças operárias importantes que foram silenciadas pela historiografia, mas também porque permitem, a partir das “expressões individuais”, a compreensão de aspectos mais gerais das relações de trabalho no Amazonas.¹⁴

As trajetórias aqui abordadas são a do eletricitista pernambucano José de Calazans Bezerra, a do tipógrafo baiano José Nicolau Pimentel, a do carpinteiro cearense Hemetério Cabrinha e a do jornalista cearense Otelo Mavignier. A escolha se deveu ao papel destacado que esses indivíduos tiveram nas agitações trabalhistas em Manaus nas décadas iniciais do noventa, se configurando enquanto lideranças das manifestações classistas na capital amazonense.

Acompanhar a trajetória destes sujeitos é muito difícil, pois, ao contrário dos ditos “grandes homens” – políticos e ocupantes de cargos públicos, próximos ao poder de qualquer forma – suas falas e discursos não foram preservados nos arquivos oficiais, exceto, talvez, nos das Chefaturas de Polícia e dos Tribunais da Justiça, quando sofreram repressão em razão das suas atuações. As fontes escritas produzidas diretamente por eles, como os pequenos jornais operários e populares, cartas, manifestos, panfletos, cartazes, boletins, em geral, não sobreviveram até os dias atuais, devido aos acasos, e descasos, do tempo e das Instituições responsáveis pela preservação da memória.

¹³ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Lideranças estrangeiras entre os trabalhadores manauaras (1910-1930). *Mundos do Trabalho*, v. 9, n. 17, p. 79-100, 2017.

¹⁴ TELES, Luciano Everton Costa. João Cursino da Gama: a trajetória de uma liderança operária socialista no Amazonas (1902-1935). *Canoa do Tempo*, v. 9, n. 1, p. 138-154, 2017, p. 153.

Muitas vezes, as referências a esses sujeitos são espaçadas em pequenas notas e anúncios em jornais, frequentemente separadas por vários anos. Por isso, a imprensa periódica, tanto a comercial-diária – de Manaus¹⁵ e dos estados de origem dos sujeitos em tela¹⁶ – quanto a imprensa operária¹⁷, se configuraram enquanto principais *corpus* documentais para tentar resgatar fragmentos da trajetória destes sujeitos, pois, conforme já percebera Tania Regina de Luca, a imprensa é uma das fontes privilegiadas para a história do movimento operário, permitindo construir “respostas para as mais questões acerca dos segmentos militantes”, como as formas de associação, composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, dentre outras problemáticas.¹⁸ No caso da imprensa operária, pesa o fato de os sujeitos em tela pertencerem ao mesmo lugar social de produção dos periódicos de trabalhadores.

Trajetórias de militantes e operários nordestinos em Manaus:

Luís Balkar Pinheiro já apontou a importância de dois migrantes nordestinos, o alagoano Alfredo de Vasconcelos Lins e o paraibano Manoel Madruga, para a constituição do movimento operário no Amazonas. Os dois se estabeleceram no estado no alvorecer do século XX e foram os principais articuladores do *Centro Operário em Manaus*, organização instalada oficialmente no início de 1905 e que pretendia a união da classe operária na cidade para além do âmbito das categorias profissionais. Ambos assinaram matérias em jornais da grande imprensa manauara pautando a questão operária, denunciando suas condições de vida e trabalho e concitando os trabalhadores à união em associações. Alfredo Vasconcelos Lins trabalhou em Manaus como pequeno comerciante e representante de jornais e revistas cariocas. Já Madruga ocupou vários cargos públicos e acabou passando por um processo de ascensão social, ao casar com uma herdeira de uma família de

¹⁵ Neste sentido destaca-se a importância do Jornal do Comércio, de publicação diária, fundado em 1904 e que foi ao longo de quase todo a primeira metade do século XX o jornal de maior tiragem e poder de circulação do estado do Amazonas.

¹⁶ Todos consultados na Hemeroteca Digital da Hemeroteca Digital.

¹⁷ Entre a década final do século XIX e as primeiras do século XX, foram publicados algumas dezenas de jornais operários no Amazonas, sobretudo em Manaus, todos com vida efêmera e dificuldades em seus funcionamentos. Apesar da instabilidade de suas trajetórias, foram uma das principais manifestações de uma identidade de classe e se configuraram enquanto principais fontes de estudo do movimento operário no estado. Para um estudo apurado sobre ela, ver: TELES, Luciano Everton Costa. **Construindo redes sociais, projetos de identidade e espaços políticos: a imprensa operária no Amazonas (1890-1928)**. Tese (Doutorado em História) – PPGHIST, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

¹⁸ DE LUCA, Tania Regina. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 111-153.

capitalistas paraibanos. Ambos se afastaram, poucos anos após a fundação do *Centro*, da militância política no movimento operário e deixaram Manaus ainda por volta do final da década de 1900. Mas em seus períodos de atuação, foram importantes por trazerem à mobilização operária do “rincão dos barés” questões novas até então, como a influência teórica de Karl Marx e o entabulamento da questão feminina, como o estímulo a participação das trabalhadoras na vida sindical e denúncias contra o assédio que estas sofriam em seus locais de trabalho.¹⁹

Luciano Teles, por sua vez, sublinhou a trajetória de outra liderança socialista de origem nordestina em Manaus: a do pernambucano João Cursino da Gama. Assim como Lins e Madruga, Cursino Gama migrou para o Amazonas ainda no início do século XX, vindo a ocupar cargo no funcionalismo público, como guarda de materiais do Estado. Na década de 1920, contribuiu com as folhas operárias *O Extremo Norte* (1920), *Vida Operária* (1920) e *Primeiro de Maio* (1928), além de estar presente na articulação da União Operária do Amazonas, organizada em 1918, e na fundação do Partido Operário do Amazonas, em 1920. A atuação de Cursino adentrou a década de 1930, após ser eleito edil na Assembleia Municipal de Manaus em 1929, entabulando na casa legislativa os interesses dos trabalhadores urbanos.²⁰

Chegando em Manaus mais ou menos no mesmo período que Lins, Gama e Madruga, outra liderança de origem nordestina que se destacou no meio operário manauara foi José de Calazans Bezerra. Nascido em Pernambuco em data não identificada, migrou em algum momento entre 1902, quando um diário pernambucano anunciou o aniversário deste “músico do 40º batalhão de infantaria”²¹, e 1904, quando um jornal manauara noticiou, sem maiores detalhes, que ele foi “recolhido ao xadrez” na capital amazonense.²² O mesmo jornal, no ano seguinte, publicou uma declaração do proprietário da *Empreza Telephonica* deixando Bezerra como responsável pela mesma enquanto o primeiro estivesse fora de Manaus.²³ Anos mais tarde, em anúncio do aniversário de Calazans, ele foi caracterizado como “hábil electricista, operoso gerente dos serviços técnicos da Empreza Telephonica”²⁴, o que indica que provavelmente foi um operário qualificado que migrou em

¹⁹ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Dilemas da propaganda socialista em Manaus no alvorecer do século XX. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 67, 2020.

²⁰ TELES, Luciano Everton Costa. João Cursino da Gama: a trajetória de uma liderança operária socialista no Amazonas (1902-1935). *Canoa do Tempo*, v. 9, n. 1, p. 138-154, 2017.

²¹ “Salve 27 de agosto”. *A Província*, Recife. Nº 194, 27 de agosto de 1902, p.1.

²² “Várias Notícias”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 176, 23 de julho de 1904, p. 2.

²³ *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 435, 14 de maio de 1905, p. 3.

²⁴ “Salas e Salões”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2639, 27 de agosto de 1911, p. 2.

busca de oportunidades de trabalho e salários maiores, já que Manaus carecia de mão de obra especializada.

Em princípios de 1909, Calazans já se encontrava envolvido na militância operária, fazendo parte de uma reunião de trabalhadores que protestavam contra a Confederação do Trabalho.²⁵ A *Confederação* foi uma organização de cunho colaboracionista e de iniciativa patronal, fundada no mesmo ano e que pretendia congregiar os trabalhadores amazonenses.²⁶ Meses mais tarde, o eletricitista pernambucano assinou junto a outros companheiros um manifesto contra a indicação, pela mesma *Confederação* e “em nome das classes trabalhadoras”, do dr. Júlio Verne para as eleições legislativas que ocorriam naquele momento.²⁷ Luís Balkar Pinheiro e Maria Luiza Ugarte Pinheiro informam que, após a direção patronal ser destituída pelas bases desta organização, José de Calazans foi eleito presidente da *Confederação* no final do mesmo ano.²⁸

Ainda em 1909, ele também se envolveu com o movimento associativista de pernambucanos em Manaus, tornando-se um dos responsáveis pela elaboração do estatuto do *Centro Pernambucano*²⁹, organização em que foi um membro bastante ativo e assíduo, estando constantemente presente nas assembleias, eventos públicos e reuniões desta entidade.

Calazans Bezerra se tornou nos anos imediatamente posteriores uma das principais lideranças dos movimentos operários na cidade de Manaus. Liderança reconhecida, inclusive, por organizações de fora do estado, como atesta uma carta de José Alves Marinho, presidente da *Confederação Geral do Trabalho no Pará*, endereçada a Calazans em 1911, que solicitava informações acerca da situação do movimento operário no estado do Amazonas, com o objetivo de estreitar laços entre organizações e pretendendo “estabelecer [a união e solidariedade] entre todas as associações do norte do Brasil com sede em Pernambuco, onde o movimento é mais intenso”, conforme noticiado pelo *Correio da Tarde*, diário operário publicado em Manaus entre maio e junho daquele ano. A carta e o artigo demonstram uma iniciativa de articulação dos movimentos operários em vários estados das atuais regiões Norte e Nordeste do país, aventando a possibilidade da criação de uma organização com sede em Pernambuco.

²⁵ “Reunião Operária”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 1802, 29 de março de 1909, p. 1.

²⁶ Sobre a *Confederação* Cf: TELES, Luciano Everton Costa. Acerca do jornal Confederação do Trabalho: Mundos do Trabalho, elite extrativista/comercial e o “bloco de interesse do trabalho” – Amazonas, 1909/1910. *Manduarisawa* - Revista Eletrônica Discente do Curso de História da UFAM, v. 1, n. 1, p. 59-76, 2017.

²⁷ “Protesto”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 1970, 24 de setembro de 1909, p. 2.

²⁸ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Mundos do Trabalho na Cidade da Borracha*. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p. 135.

²⁹ “Centro Pernambucano”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2001, 25 de outubro de 1909, p. 1.

Noticiando o envio da carta, o *Correio da Tarde*, qualificou Calazans como seu colaborador e afirmou que:

O sr. Calazans nos disse tratar diretamente com as associações aqui existentes, o que muito folgamos, principalmente se com sua incansável atividade conseguir trazer os nossos companheiros para o verdadeiro caminho que se deve trilhar todo o proletariado na conquista do seu desenvolvimento moral, material e intelectual.³⁰

O comentário fornece um indício da capilaridade e desenvoltura de Calazans entre os núcleos militantes de Manaus, já que ele entraria em contato com vários deles para verificar a situação de cada um. Essa capilaridade pode ser observada em outros momentos, como em 1910, quando Calazans participou de uma assembleia na sede da associação dos motoristas e condutores de bondes, onde se articulava a formação de uma nova sociedade operária – não especificada. Na nota do *Jornal do Comércio* que noticiou a reunião, pode-se ler que: “Depois de grande debate sobre o sistema da associação a fundar-se, triunfou o projeto do operário José de Calazans, que se refere ao *sindicalismo*, adotado pela confederação geral [sic] do Trabalho na França”³¹. O comentário sugere uma adesão de Calazans ao sindicalismo revolucionário, já que esta era a orientação da C.G.T francesa.³² Essa hipótese é reforçada pelas disputas que Calazans empreendeu no ano anterior contra a direção da Confederação do Trabalho, de cunho mais moderada e reformista.

No início de 1911, Bezerra foi candidato a vice-presidente da *Sociedade Beneficente dos Estivadores e Carroceiros do Amazonas*; a eleição foi suspensa em virtude da greve que então se empreendia pelos estivadores.³³ Maçon, foi eleito em meados deste mesmo ano cobridor da Loja Capitular Rio Negro.³⁴ Sua militância foi interrompida devido ao seu falecimento precoce, no final de 1911³⁵, de causa não identificada, mas provavelmente natural. Anos mais tarde, o semanário operário manauara *O Extremo Norte*, em edição especial de 1º de maio, publicou as seguintes linhas sobre Calazans Bezerra:

Aqui, entre nós, já é grande a diferença do movimento socialista de dez anos atrás, graças aos ingentes esforços de um grupo de propagandistas deste sublime ideal, um dos quais merece menção honrosa, o meu distinto amigo José de Calazans Bezerra, de saudosa memória.

³⁰ “Um Apelo”. *Correio da Tarde*, Manaus. nº 10, 20 de maio de 1911, p. 1.

³¹ “Gazetilha”. *Jornal do Comércio*, nº 2302, 30 de agosto de 1910, p. 2.

³² BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. **Afinidades revolucionárias**: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: Unesp, 2016, p. 27-35.

³³ *Jornal do Comércio*, Manaus, nº 2421, 2 de janeiro de 1911, p. 2.

³⁴ *Jornal do Comércio*, Manaus, nº 2572, 19 de junho de 1911, p. 2.

³⁵ “Actos fúnebres”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2758, 23 de dezembro de 1911, p. 2.

Uma plêiade de adeptos do socialismo, da qual fazia parte o autor destas linhas, tendo como chefe o inolvidável Calazans Bezerra vinha em 1910 corajosamente incentivando este tão importante ideal, quando teve sua marcha interceptada com a morte prematura do seu chefe, em dezembro de 1911.³⁶

Apesar de não terem sido assinados, os artigos do *Correio da Tarde* e do *Extremo Norte* citados acima provavelmente foram da lavra de José Nicolau da Silva Pimentel, diretor de ambos os periódicos. Nicolau Pimentel – por vezes grafado como Nicolao – nasceu em 6 de dezembro de 1879, na Bahia, e “veio para o Amazonas muito jovem ainda”, residindo no estado até a sua morte em 26 de maio de 1960, aos 81 anos de idade, sem deixar família ou filhos. Em Manaus, “abandonou a vida do mar onde havia dado os primeiros passos” e se tornou tipógrafo, ofício que exerceria pelo resto da vida.³⁷ Não se sabe ao certo quando chegou em Manaus, mas já se encontrava nesta cidade no início de 1910, quando assinou, junto a dezenas de outras pessoas, um protesto publicado na imprensa manauara contra uma obra que a *Manáos Harbour* estava fazendo no cais da cidade.³⁸

Pimentel trabalhou na oficina de diversos jornais e revistas da grande imprensa manauara, tanto como tipógrafo e linotipista quanto como jornalista e diretor. Um levantamento parcial de periódicos onde labutou, realizado por meio de referências na própria imprensa amazonense, pode-se incluir os jornais: *O Tempo*, em 1917; *A Gazeta da Tarde*, em 1919; como diretor da revista ilustrada *A Nota*, também em 1917, e no *O Rebate*, no início da década de 1930, dentre outros. Por várias décadas trabalhou na Livraria Palácio Real.

Se tornou um dos mais destacados militantes dos movimentos operário, sindical e socialista no Amazonas, atuando tanto em diretorias de organizações operárias quanto em jornais da classe trabalhadora. Uma de suas primeiras atuações neste sentido foi entre maio a junho de 1911, quando assinou como diretor o diário operário de tendência socialista *Correio da Tarde*, que circulou nesse meio tempo. Meses depois, foi admitido como sócio efetivo da Sociedade Protetora das Artes Gráficas do Amazonas³⁹, sociedade mutualista que congregava os tipógrafos naquele momento. Em 1914, seu nome pode ser encontrado em uma lista de subscrições a favor do jornal carioca *A Voz do Trabalhador*, organizada pelo periódico anarquista manauara *A Lucta Social*, quando contribuiu com 1\$000.⁴⁰

³⁶ “As Nossas Associações Operárias”. *O Extremo Norte*, Manaus. nº 16, 1º de maio de 1920, p. 3.

³⁷ As informações biográficas citadas foram consultadas na nota do seu falecimento, publicada em: “J. Nicolao Pimentel”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 17267, 1º de junho de 1960, p. 2.

³⁸ “Protesto”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2110, 14 de fevereiro de 1910, p. 2.

³⁹ “Várias”. *Jornal do Commercio*, Manaus. nº 2634, 22 de agosto de 1911, p. 2.

⁴⁰ “Vida Sindical”. *A Lucta Social*. Manaus. nº 4, 01 de setembro de 1914, p. 4.

Mas foi na década de 1920 que Pimentel atuou mais ativamente no movimento, assumindo vários cargos em organizações classistas dos tipógrafos: foi eleito segundo secretário da diretoria da *Sociedade das Artes Gráficas do Amazonas*, em 1920;⁴¹ vice-presidente da diretoria da mesma organização, em 1924;⁴² e primeiro secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Tipografia, em 1928.⁴³ Também esteve envolvido, em 1920, na discussão e articulação para a fundação de um Partido Operário Socialista do Amazonas⁴⁴ – organização política de vida efêmera.

Além do âmbito associativo, Pimentel também foi um ativo militante na imprensa operária amazonense. Além do *Correio da Tarde*, também foi diretor do *O Extremo Norte*, que circulou entre 1920 e 1921; da segunda fase do *A Lucta Social*, em 1924, quando apoiou o levante militar ocorrido em Manaus naquele ano, bem como na terceira fase deste mesmo periódico, que circulou entre 1930 e 1935.⁴⁵ Percebe-se que no ramo sindical Pimentel se focou nas organizações de sua categoria, ao passo que na imprensa se projetou enquanto liderança de classe, se dirigindo aos trabalhadores de forma mais ampla.

Apesar de ter arrefecido, sua atuação no meio operário transcendeu o período da República Velha e avançou nas décadas de 1930 e 1940. Em 1956, foi eleito suplente da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Manaus (STIGM).⁴⁶ Acabou por se tornar memorialista/historiador, publicando dois livros: *Novos Aspectos do Cenário Amazônico*, em 1948; e *Visão Panorâmica do Amazonas Atual*, em 1958.

O afluxo de nordestinos e de militantes operários para a Amazônia não se restringiu aos anos iniciais do século XX, mas se estendeu até a década de 1910, período em que se iniciou a crise da borracha em terras amazônicas, como pode-se perceber pelas trajetórias de Hemetério Cabrinha (Figura 1) e Otelo Mavignier.

⁴¹ “Várias”. *Jornal do Commercio*, Manaus. nº 5652, 27 de janeiro de 1920, p. 1.

⁴² “Várias”. *Jornal do Commercio*, Manaus. nº 7098, 16 de fevereiro de 1924, p. 1.

⁴³ “Várias”. *Jornal do Commercio*, Manaus. nº 8434, 22 de junho de 1928, p. 1.

⁴⁴ TELES, Luciano Everton Costa. **A vida operária em Manaus: imprensa e mundos do trabalho (1920)**. 2008. 159f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008, p. 123.

⁴⁵ PINHEIRO, L; PINHEIRO, M. 2017, p. 141-190.

⁴⁶ “Realizada a cerimônia de posse dos novos dirigentes da STIGM”. *Jornal do Commercio*, Manaus. nº 14.044, 13 de abril de 1956, p. 6.

Figura 1: Hemetério Cabrinha⁴⁷



Cabrinha, pseudônimo de Hemetério José dos Santos, foi carpinteiro de ofício, espírita, escritor, poeta, entusiasta do futebol e orador frequente em manifestações e sedes de associações operárias manauaras pela década de 1920 em diante. Nasceu em Fortaleza em 3 de março de 1892 e migrou para Manaus em 1916, cidade na qual residiria até a sua morte, em 12 de maio de 1959. Na capital amazonense, deu vazão aos seus pendores literários, sendo um dos fundadores e presidente honorário da Academia Amazonense dos Novos (1919), e publicando cinco livros de poesia: *Meu Sertão* (1920), *Satã* (1922), *Vereda Iluminada* (1933), *Caim* (1934), *O Cristo do Corcovado* (1952) e *Frontões* (1959), além de contribuições esparsas em diversos jornais, tanto amazonenses como de outros estados.⁴⁸ Foi, portanto, um artista nas duas acepções do termo: praticante tanto de uma arte liberal, a poesia, quanto de uma arte mecânica ou manual, a carpintaria.

Em 1920, junto a um grupo de professores, intelectuais, funcionários públicos e profissionais liberais, Cabrinha foi um dos idealizadores e redatores do semanário *Vida Operária*, que publicou pelo menos 26 números entre fevereiro a setembro daquele ano.⁴⁹

Nem tanto como liderança sindical, sua atuação no movimento se deu prioritariamente como orador nas manifestações públicas e coletivas da classe trabalhadora em Manaus. Sua estreia se deu no primeiro de maio de 1920, quando fez um discurso nas manifestações em homenagem à data.⁵⁰ Durante toda a década seguinte, foi presença quase garantida nas comemorações dos dias

⁴⁷ <https://borboletaonirica.wordpress.com/2009/04/20/o-poeta-espírita-hemetério-cabrinha/>. Consultado em 03 de setembro de 2021

⁴⁸ MELO, Anísio (org). **Hemetério Cabrinha, poeta**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Cultura. 2014.

⁴⁹ TELES, Luciano Everton Costa. **A vida operária em Manaus: imprensa e mundos do trabalho (1920)**. 2008. 159f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

⁵⁰ “O dia do trabalho”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 5746, 30 de abril de 1920, p. 1.

dos trabalhadores, entre igrejinhas de intelectuais e nas sedes de associações classistas. As temáticas de suas intervenções eram bastante variadas: em 1928, por exemplo, preparou uma conferência direcionada aos trabalhadores sobre os malefícios do álcool.⁵¹ Mesmo quando assumia cargos em organizações classistas, era como orador, como em 1926, quando foi indicado para este posto na *União dos Chauffeurs do Amazonas*.⁵² Habilidoso com as palavras, tanto escritas quanto faladas, ficou famoso pelos seus discursos, sendo sempre lembrado pelos memorialistas da literatura amazonense como exímio orador.⁵³

Na rebelião tenentista de 1924 em Manaus⁵⁴, Cabrinha apoiou os militares revoltosos e proferiu diversos discursos de rua a favor do movimento. Foi aclamado por populares para tomar café com o tenente Ribeiro Júnior – um dos líderes da revolta e governador do estado ao longo da rebelião – quando este solicitou a população que lhe indicasse um representante.⁵⁵

Anos mais tarde, também aderiu à campanha da Aliança Liberal, se tornando um dos dirigentes locais do braço amazonense desta organização e estimulando comícios entre os estudantes ginasianos amazonenses.⁵⁶ Seguramente, aderiu à “Revolução” de 1930. Pelas décadas posteriores, continuou sua atuação militante e intelectual, se tornando um ardoroso defensor de Vargas. Foi um dos oradores do evento oficial do dia dos trabalhadores, em 1937.⁵⁷ Em 1940, proferiu um discurso de improviso na visita de Getúlio Vargas ao Amazonas.⁵⁸

Nos anúncios dos jornais consultados, o nome de Cabrinha vinha frequentemente acompanhado ao de Otelo Mavignier (grafado na época como Othello ou Otello) nas manifestações públicas. Ambos tinham uma relação muito próxima, fosse pela origem comum fosse porque migraram para Manaus em datas aproximadas – e embora não tenham sido encontradas evidências que atestem, não deve ser descartada a hipótese de os dois terem se conhecido ainda no Ceará – fosse ainda pelos interesses que compartilhavam: a literatura e o movimento operário.

⁵¹ “A Semana Anti-Alcoolica”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 8534, 19 de outubro de 1928, p. 1.

⁵² **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 7985, 23 de setembro de 1926, p. 2.

⁵³ Infelizmente, até o presente momento, não foi encontrada nenhuma transcrição de algum deles.

⁵⁴ Sobre ela, Cf: SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: SUFRAMA/Ed. Caldeirado, 1985.

⁵⁵ “A manifestação de ante-hontem ao sr. Governador do estado”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 7268, 19 de agosto de 1924, p. 1.

⁵⁶ LIMA, Elissandra Lopes Chaves. **Dimensões da república das letras no Amazonas: a intelectualidade Gymnasiana em Manaus (1900-1930)**. 2012. 202f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012, p. 26;176.

⁵⁷ “O dia do trabalho”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 11.162, 2 de maio de 1937, p. 1.

⁵⁸ “Verdadeira consagração popular ao chefe popular”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 12.227, 10 de outubro de 1940, p. 1.

Otelo Mavignier (figuras 2 e 3) nasceu em Maraguape, interior do estado do Ceará, em 22 de abril de 1896, filho de modestos proprietários daquela cidade que eram descendentes de imigrantes franceses. Naquele estado, teve acesso à educação formal, sendo alfabetizado, e colaborou com os jornais *Unitário* e *Folha do Povo*. Participou das manifestações populares que derrubaram o então governador do Ceará, Antônio Accioly, em 1912, após o episódio trágico da “marcha das crianças”, quando a polícia estadual reprimiu violentamente uma manifestação de oposição ao governo, acabando por matar alguns menores de idade que participavam do evento. Em 1915, aos dezenove anos, Mavignier emigrou do Ceará rumo à Manaus, com o auxílio de alguns parentes que já estavam instalados naquela cidade.⁵⁹

Figura 2⁶⁰ e 3⁶¹: Otelo Mavignier



Na capital amazonense, com o apoio de uma rede de solidariedade dos familiares – que incluía seu primo, o conhecido poeta Mavignier de Castro – rapidamente se empregou sucessivamente como revisor no diário *O Tempo*, como guarda do Horto Florestal e, posteriormente, como amanuense da Assembleia Legislativa do Amazonas, emprego do qual foi exonerado poucos anos mais tarde. Nos cargos públicos que ocupou, sofreu com atraso nos salários – que eram justificados pelo governo estadual pela crise da borracha que assolava a região e reduzia a arrecadação de impostos. Também fez parte da *Academia dos Novos*, formada por um grupo de intelectuais e escritores manauaras, fundado em 1919, que pretendia renovar a literatura baré, ocupando o cargo de secretário desta entidade.

⁵⁹ Todas as informações biográficas sobre Mavignier, exceto as coletadas no Jornal do Comércio, foram compulsadas em: **A Cilada Sangrenta**. Redação d’A Rua: Manaus, 1932, pequeno panfleto publicado na ocasião de seu assassinato (ver adiante) e que trouxe uma detalhada biografia dele.

⁶⁰ **A Cilada Sangrenta**. Manaus: Redação d’A Rua, 1932.

⁶¹ **Revista Vitória Régia**, nº 5, maio de 1932.

Em 1921, publicou um pequeno panfleto intitulado *A idéia jacobina* onde rebateu os ataques proferidos por meio da revista carioca *Gil Blas* contra os imigrantes portugueses. Este momento de recrudescimento da crise econômica que assolava a região amazônica foi marcado por tensões entre trabalhadores nacionais e estrangeiros, sobretudo portugueses, em parte devido às disputas pelos postos de trabalho, cada vez mais escassos. No ano anterior, na capital do estado vizinho, havia ocorrido ataques a portugueses que trabalhavam no setor portuário.⁶² Na série de artigos que compunham o libelo, atacava violentamente as posições chauvinistas e xenofóbicas, denominadas na época como “jacobinismo”, e expressava sua solidariedade aos portugueses.⁶³ Talvez sua experiência enquanto migrante, mesmo que nacional, o tenha influenciado no apoio aos imigrantes lusitanos.

No entanto, foi no jornalismo, sua grande paixão, que Mavignier buscou se destacar. Em 1923 fez publicar *A Lucta*, empastelado antes do décimo número devido às suas críticas contra a oligarquia da família Rego Monteiro, então no governo, e ao chefe de polícia. Consta que sofreu repressão policial devido aos artigos que publicou neste jornal, só não sendo preso porque se abrigou no quartel do 27º Batalhão de Caçadores do Amazonas, onde encontrou refúgio entre os praças aquartelados. Voltaria a publicar *A Lucta* em 1927, mas novamente com vida efêmera. No ano seguinte à primeira tentativa de publicação do periódico, apoiou a revolta tenentista que ocorreu em Manaus, proferindo discursos nas manifestações populares de apoio aos militares rebelados. Após a repressão ao movimento, se empregou na redação do *O Libertador*, de viés tenentista. Em dezembro de 1930, lançou o diário matutino popular *A Rua*, que circulou até maio de 1932, quando Mavignier foi assassinado.

Assim como Cabrinha, Mavignier foi um orador frequente nas manifestações do dia dos trabalhadores em Manaus. Pela programação das comemorações do dia primeiro de maio em 1920, ele proferiu discursos em frente à casa do superintendente da capital amazonense dr. Franco de Sá e na sede do periódico *Imparcial*.⁶⁴ Orador polêmico, algumas de suas intervenções acabaram atraindo sobre si a repressão das autoridades: em 1927, foi detido na chefatura de polícia por ter feito, no dia dos trabalhadores, um discurso eivado de críticas ao então governador do estado do Amazonas, dr. Ephigênio Salles. No ano seguinte, também na ocasião do primeiro de maio, fez um

⁶² LOBO, Marcelo Ferreira; LIMA, Aline de Kassia Malcher. Jacobinos da Amazônia: nacionalismo, trabalho e violência no Pará (1890-1920). *Revista Maracanan*, n. 26, p. 119-145, 2021.

⁶³ MAVIGNIER, Otello. *A idéia jacobina*. Manaus: Tipografia da “Pátria Portuguesa”, 1921.

⁶⁴ “O Dia do Trabalho”. *Jornal do Comércio*, Manaus. Nº 5746, 30 de abril de 1920, p. 1.

discurso de ataque à chamada Lei Celerada⁶⁵, o que acabou causando a retirada da banda de música do 27º batalhão de caçadores que acompanhava o evento, em oposição à fala do jornalista.⁶⁶ Na ocasião da chamada “Revolução de 1930”, aderiu à campanha da Aliança Liberal e apoiou Vargas.

Foi assassinado em 30 de abril de 1932 em consequência de sua atividade jornalística: crime passional, foi morto a tiros pelo dentista Aristide Leite, devido a uma matéria publicada no *A Rua* que expunha um caso extraconjugal de Leite. Seu enterro ocorreu, coincidentemente, no dia primeiro de maio de 1932, modificando os planos das manifestações operárias que estavam programadas para acontecer naquele dia: a *Federação Trabalhista do Amazonas*, a qual Mavignier era filiado, cancelou a passeata que tinha planejado, convidando os trabalhadores a comparecerem no enterro do jornalista assassinado. Um periódico local informou que:

A frente da enorme massa popular [que acompanhava o cortejo fúnebre de Mavignier], considerada em mais de 3.000 pessoas, ia o estandarte da “União Operária Amazonense”, a seguir o caixão mortuário ladeado pelas bandeiras “Sociedade Beneficente dos Foguistas”, “Construção Civil”, “Sociedade B. União dos Trabalhadores”, “União B. dos Marinheiros no Amazonas” e “Sociedade dos Estivadores”, que eram conduzidas pelos seus associados. O caixão mortuário foi conduzido por várias pessoas, por comissões da “Associação de Mestres e Práticos”, da “União Beneficente dos Machinistas”, de todas as associações federadas, pelos soldados do 27º B/C, por guardas civis e marinheiros da Alfândega.⁶⁷

Nesta ocasião, foi assinalado um dos raros registros imagéticos das solenidades do Primeiro de Maio em Manaus, em uma fotografia (Imagem 4) de seu cortejo fúnebre, onde pode-se visualizar uma multidão de operários e os porta-bandeiras das sociedades classistas.

A presença de diversas organizações de trabalhadores no enterro de Mavignier indica o prestígio que este jornalista possuía no meio operário. Apesar de não ter sido propriamente um proletário fabril ou trabalhador manual, consta que levou uma vida modesta e foi um defensor das reivindicações operárias. Embora não tenham sido encontrados exemplares dos jornais que Mavignier dirigiu e editou, é bem possível que *A Rua* e *A Lucta* fossem sensíveis e abrissem espaço aos reclames e reivindicações dos trabalhadores amazonenses.

⁶⁵ Como ficou conhecido o decreto nº 5.221, de agosto de 1927, que permitiu o fechamento sumário de sindicato e jornais operários, além de aumentar a pena de prisão para aqueles trabalhadores que aderissem às greves.

⁶⁶ “O dia do operariado”. *Jornal do Comércio*, Manaus. Nº 8391, 2 de maio de 1928, p. 1.

⁶⁷ *A Cilada Sangrenta*, 1932, p. 14-15.

Imagem 4: Primeiro de maio de 1932/enterro de Otelo Mavignier⁶⁸



Trabalhadores migrantes e a rede de contatos interestaduais do movimento operário

Silva Ferraz Petersen, em artigo clássico de crítica historiográfica sobre a história do movimento operário, já apontou a necessidade de se observar a mobilidade tanto da mão de obra quanto dos militantes políticos pelo Brasil como forma de “descobrir vínculos múltiplos e perdidos que podem enriquecer o perfil de atores (...) já tão descaracterizados pela historiografia”, destes mistos de “agitadores-pedagogos-animadores culturais” itinerantes que eram os trabalhadores migrantes e militantes.⁶⁹ Já Edilene Toledo chama atenção para um aspecto importante no estudo do movimento: “a mobilidade geográfica e ideológica dos militantes e o papel fundamental da imigração na constituição do sindicalismo como um fenômeno transnacional” e assevera que “essa circulação de ideias era de mão dupla: os imigrantes traziam e levavam ideias e experiências” entre os locais de origem e para os quais migravam.⁷⁰

Embora as duas autoras estivessem com os imigrantes estrangeiros em mente, as considerações também podem ser estendidas aos migrantes nacionais, principalmente as de Petersen sobre “cruzar fronteiras” estaduais e regionais nos estudos sobre a classe operária brasileira. Um caminho possível neste sentido é o mapeamento dos contatos desses sujeitos nos estados de origem e para qual eles migraram.

⁶⁸ **A Cilada Sangrenta.** Manaus: Redação d’A Rua, 1932.

⁶⁹ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. **Anos 90:** revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. n. 3 (maio 1995), p. 129-153, 1995.

⁷⁰ TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário:** trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 17.

Os trabalhadores migrantes serviam como elos de contato entre militantes dos estados que circulavam, compartilhando experiências e estabelecendo redes de solidariedade e de diálogo entre núcleos operários; como nos casos de Alfredo Vasconcelos Lins e Manoel Madruga, que tiveram experiências sindicais em seus estados de origem (Alagoas e Paraíba, respectivamente) e que trouxeram Antônio Nascimento Luz, líder do Centro Artístico e Operário do Maranhão, para um evento que organizaram no *Centro Operário em Manaus*, em 1905.⁷¹ Na própria seção de fundação do *Centro manauara*, um diário que descreveu o evento informou que sob a tribuna dos oradores se encontrava os jornais *A Voz da Oficina*, de Vizeu, Portugal; *O Trabalho*, do Pará; o *Jornal dos Artistas*, do Centro Operário do Maranhão; e a *Aurora Social*, órgão de imprensa do Centro Protetor dos Operários de Pernambuco⁷² – que também foi representado no evento por Alfredo Lins, era sócio correspondente da organização pernambucana – evidenciando desta forma a troca de correspondência e permuta de jornais entre vários estados do Norte e Nordeste do país.

Pode-se notar contatos interestaduais também no caso de José Calazans Bezerra, exposto anteriormente, que trocava correspondência com a *Confederação Geral do Trabalho do Pará*, entidade que articulava a fundação de uma federação de organizações operárias com sede em Pernambuco, além de participar do movimento associativista de pernambucanos em Manaus – assim como Cursino Gama.⁷³ Otelo Mavignier, por sua vez, já tinha se envolvido em movimentos sociais em Fortaleza, quando participou da deposição de Accioly em 1912, trazendo experiências e vivências para a Amazônia. Uma evidência do contato de Cabrinha com o movimento operário de Fortaleza foi a leitura feita por Joaquim dos Santos da poesia *Pátria*, da lavra do carpinteiro-poeta residente em Manaus, em um festival levado a cabo pelos gráficos cearenses em maio de 1929, com o objetivo de arrecadar fundos para os seus congêneres paulistanos que se encontravam em greve naquele momento.⁷⁴ Todos esses indícios apontam para uma troca de correspondências, cartas e jornais entre os trabalhadores militantes e seus congêneres nos estados do qual emigraram, expressão de uma identidade inter-regional de classe que ligava toda a então “Região Norte”⁷⁵ do país. Uma maior imersão nas fontes, principalmente nos jornais, tanto amazonenses quanto de outros estados, poderá revelar outros fios destas redes.

⁷¹ PINHEIRO, L. 2020, p. 399-432.

⁷² “Centro Operário”. *Jornal do Comércio*, Manaus. 9 fev. 1905 *Apud*: PINHEIRO, L. 2017b, p. 109-110.

⁷³ TELES, 2017b, p. 141.

⁷⁴ “Em benefício dos gráficos grevistas de S. Paulo”. *A Razão*, Fortaleza. nº 49, 8 de maio de 1929, p. 3.

⁷⁵ *I.e.*, grosso modo, o que atualmente são as regiões Norte e Nordeste.

Considerações Finais

As trajetórias dos pernambucanos José de Calazans Bezerra e João Curcino da Gama, dos cearenses Otelo Mavignier e Hemetério Cabrinha, do paraibano Manoel Madruga, do alagoano Alfredo Vasconcelos Lins e a do baiano José Nicolau Pimentel, e de tantos outros, foram exemplos claros do que se defende no presente artigo: da importância dos imigrantes da atual região Nordeste do Brasil para a formação da classe e, especialmente, do movimento operário no estado do Amazonas no início do século XX.

Também são representativos de uma imigração direcionada aos centros urbanos – no caso, Manaus – já que não consta que nenhum deles tenha passado uma temporada que fosse nos seringais rios acima ou mata adentro. Percebe-se também a multiplicidade de experiências destes sujeitos, que atuavam em frentes diferentes: enquanto Calazans Bezerra e Pimentel eram lideranças sindicais, ocupando cargos em associações, sindicatos e, no caso de Pimentel, na imprensa operária, Mavignier e Cabrinha se destacavam enquanto intelectuais engajados entre a militância política e a vida boemia e literária.

Apesar de terem nascido em outros estados, pode-se considerar que muitos deles se tornaram de fato amazonenses, já que a identidade regional não é algo dado *a priori*, nem determinado essencialmente pelo lugar de nascimento. Em alguns casos, como no de Nicolau Pimentel e Hemetério Cabrinha, a migração foi definitiva, já que vieram a falecer no Amazonas, criando raízes a as vezes até famílias no processo.⁷⁶

A atuação desses sujeitos foi particularmente intensa na década de 1920, quando o afluxo de imigrantes estrangeiros para o Amazonas diminuiu significativamente, em razão da crise da borracha. Segundo o recenseamento geral realizado em 1920, os estrangeiros representavam 8.848 (menos de 12%) dos 75.704 habitantes da capital amazonense.⁷⁷ Proporção muito parecida pode ser verificada entre os números de associados da *União Operária Amazonense* em 1926: dos 1.010 nomes levantados, apenas 115 eram de estrangeiros, pouco mais de 11% do total.⁷⁸ Esta década também foi marcada por um retraimento nas manifestações operárias no estado do Amazonas, em

⁷⁶ Hemetério Cabrinha, por exemplo, tem um descendente ilustre: o também poeta manauara Max Carpentier.

⁷⁷ Recenseamento Geral do Brasil 1920 – Volume IV (5ª parte) – tomo 1 – População, p. 102-105.

⁷⁸ PINHEIRO, L; PINHEIRO, M, 2017, p. 196.

parte consequência ao agravamento da crise econômica – ocasionada tanto pela queda do preço da borracha quanto pelos efeitos deletérios da Grande Guerra – e em parte à repressão policial, sempre presente, mas que se agravou no bojo dos governos autoritários dos Rego Monteiro e da repressão, a nível nacional, às revoltas tenentistas. Como destacado por Pinheiro e Pinheiro, na Manaus da década de 1920, “as mobilizações e greves se tornaram muito mais difíceis, com a classe trabalhadora acumulando, doravante, mais derrotas que sucessos”⁷⁹.

Nesse sentido, alguns imigrantes nordestinos – como Otelo Mavignier, Cursino Gama, Hemetério Cabrinha e José Nicolau Pimentel – foram, junto aos trabalhadores nascidos no Amazonas, fundamentais para ajudar a manter ativo o movimento neste momento de retração das lutas proletárias, participando também de eventos cruciais na vida política e social local, como a rebelião militar de 1924 e a Revolução (ou Golpe) de 1930 na capital amazonense.

Por fim, é necessário salientar que, embora bastante significativas, tais trajetórias também são atípicas, já que se referem a lideranças e militantes destacados que por suas atuações muito ativas acabaram deixando mais registros – mesmo que fragmentários – nos jornais e arquivos públicos. Por isso, além das lideranças que escreviam e assinavam manifestos, dirigiam jornais, participavam das diretorias dos sindicatos e associações profissionais, se candidatavam a cargos eletivos, proferiam discursos que foram registrados pela imprensa, é necessário olhar para e lembrar também dos trabalhadores anônimos, que exerciam diversos ofícios, geralmente citados pelos historiadores apenas como números, cuja atuação foi bem mais modesta, mas igualmente importante: dos consumidores da imprensa operária, que liam (ou escutavam) seus artigos e editoriais ou indicavam e repassavam para outros trabalhadores os exemplares dos jornais operários; dos ouvintes dos discursos, que davam sua aquiescência aos oradores por meio de gritos, assobios e aplausos; dos eleitores que votavam no candidato que levantava a bandeira das reivindicações classistas; dos aderentes pouco expressivos das greves, que não adotaram posturas de enfrentamento mais radicais, mas que também cruzaram os braços para fazer pressão contra os patrões. Dentre estes, no estado do Amazonas, nas décadas iniciais do século XX, certamente também haviam muitos oriundos dos estados do que atualmente é a região Nordeste do Brasil.

Os trabalhadores migrantes nordestinos, tanto as lideranças militantes quanto os anônimos, fizeram parte do fazer-se da classe operária em Manaus, bem como da história da Amazônia como

⁷⁹ PINHEIRO, L; PINHEIRO, M. 2017, p. 193.

um todo. A atuação destes sujeitos carece de estudos mais aprofundados. Espera-se que, com este artigo, tenham sido lançados alguns feixes de luz, mesmo que tênues, sobre esta presença.